

**MEMÓRIAS DE UMA SENHORA DE ENGENHO:  
LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NOS *LONGOS SERÕES DO CAMPO* DE ANNA RIBEIRO**

Marcelo Souza OLIVEIRA\*

**Resumo:** A elite baiana nos fins do século XIX e início do século XX, passou por um período de dificuldades econômicas e sociais em decorrência do declínio das atividades agrícolas para exportação. Tal conjuntura levou muitos membros das elites locais a escrever textos sobre os saudosos tempos de opulência e abastança dos agricultores do Recôncavo. Esse artigo analisa as memórias de Anna Ribeiro (1843-1930) e propõe um entrecruzamento com as demais publicações e manuscritos de sua autoria.

**Palavras-Chave:** Século XIX; memória; identidade cultural.

**MEMOIRS OF A LADY OF MILL: SOUVENIRS AND LAPSES OF MEMORY IN THE  
*LONG SOIRÉES OF THE FIELD* OF ANNA RIBEIRO**

**Abstract:** The elite of Bahia in the ends, in the beginning of the century XIX, went by a period of economical and social difficulties due to the decline of the agricultural activities for export. Such context took many members of the learned elite to write texts about nostalgic times of opulence and formers abundance of the Bay area. This article analyzes Anna ribeiro's memoirs (1843-1930) and it proposes a comparison with the other publications and manuscripts of her authorship.

**Key words:** Century XIX; memory; cultural identity.

Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt (1843-1930) viveu desde os sete anos nos arredores da cidade de Catu, no Recôncavo baiano. A sua realidade foi bem típica de uma sociedade patriarcal e agrária do Oitocentos: escravos, engenhos, igreja, barões (era sobrinha e prima de três dos mais poderosos e abastados da região) etc. Dedicada esposa do médico e senhor de engenho Sócrates Bittencourt, primeiro Intendente de Santana do Catu, empenhou-se em cuidar de seus três filhos, de seu pai e dos serviços domésticos junto aos escravos. Anna Ribeiro pode ser considerada como uma típica representante da elite do Recôncavo baiano no século XIX. Porém, com um diferencial: era uma senhora de engenho escritora, o que não era comum entre as suas contemporâneas. Escreveu vários romances, poesias e contos para as jovens "sinhazinhas" de seu tempo, com o intuito de dar-lhes "exemplos" que deveriam ser seguidos<sup>1</sup>. Deixou também escritas as suas memórias, manuscritas em caderninhos, que algumas décadas depois foram publicadas por seus descendentes em dois volumes intitulados *Longos Serões do Campo*<sup>2</sup>, sendo que no primeiro volume faz uma

biografia de seu avô e no segundo conta sua própria história de vida, até o momento do seu casamento (1865).

Em suas memórias, a escritora baiana registra a ostentação e a “nobreza” dos antigos senhores e senhoras de engenho da Bahia Oitocentista. A afirmação de uma origem “nobre”; a opulência expressa nas volumosas festas na casa-grande, e a “abastança” com que se gabavam a elite senhorial são argumentos utilizados pela autora para firmar-se como descendente e, portanto, representante dessa ordem.

Mesmo sendo bastante detalhista, a memorialista confessa que algumas informações sobre episódios contados por ela em uma ocasião podem ter ocorrido em outras, o que enuncia o caráter seletivo das memórias<sup>3</sup>. No que tange a essa questão, Ecléa Bosi reitera que é preciso reconhecer que muitas das lembranças, ou mesmo das idéias, não são vividas pela própria pessoa: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro de si, que acompanha sua vida e são enriquecidas por experiências e debates. Parecem tão familiares que é difícil identificá-las objetivamente. Elas são formuladas por outrem, e as pessoas, simplesmente, as incorporam ao seu cabedal<sup>4</sup>. Dessa forma, ao propor uma releitura dessas memórias, intenciona-se perceber com quais grupos a autora se identificava e como ela se percebia, ou seja, qual era a imagem que ela adquiria ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que construía e apresentava aos outros de si mesma e para os outros<sup>5</sup>. No momento da escrita estava em jogo não só a conservação das memórias de sua família, mas sua identidade individual e do grupo social ao qual pertencia.

Segundo Peter Burke, as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e também como será lembrado<sup>6</sup>. Pode-se, portanto, afirmar que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência numa pessoa ou num grupo em sua reconstrução de si. As lembranças de Anna Ribeiro expressam momentos gloriosos e festivos de forma saudosista como se o tempo da narrativa não fosse a sombra do tempo dos episódios narrados. Reforça-se, desse modo, a valorização do tempo passado em detrimento do tempo presente. Tratava-se da tentativa da construção identitária da memorialista em momentos de declínio econômico e social nos primeiros anos da República.

A sociedade baiana Oitocentista se apresentava de forma fortemente hierarquizada. No topo da sociedade do Recôncavo se encontrava uma aristocracia rural que aspirava a condições de nobreza nos moldes europeus. Kátia Mattoso reitera que no Brasil uma pessoa nobre poderia ser reconhecida pela sua linhagem ou pela colocação de seus bens e educação a serviço da pátria. Mesmo que um indivíduo não fosse fidalgo de linhagem, (filho d’algo),

poderia ser “agraciado” pelo imperador de acordo com a sua disposição em “servir” ao império<sup>7</sup>. Nos *Longos Serões do Campo: infância e juventude*, Anna Ribeiro faz uma elucidativa referência a esse respeito:

[...] os Araújo Góes, do Catu, que ali ocupavam vasta área de território, gozaram sempre da reputação de homens probos, cumpridores de seus contratos, nunca desmentindo da espécie de aristocracia formada pela classe muito considerada dos senhores de engenho, que era *a segunda nobreza do país, como era na França a magistratura*. Tendo gozado de grandes privilégios nos tempos coloniais, conservavam ainda bastantes garantias no Império, como ainda vi na minha mocidade<sup>8</sup> [Grifo meu].

A tentativa de atribuir status de nobreza ao ramo paterno de sua genealogia se estabelece de maneira aparentemente pouco desinteressada, mas se revela tendenciosa logo nas primeiras linhas do discurso, afinal os Araújo Góes eram homens “probos” (retos, dignos e incorruptíveis), “cumpridores de contratos”, pertencentes à classe muito “considerada”. O reconhecimento do espírito distinto que, segundo D. Anna, todos atestavam, era o primeiro de seus argumentos em busca de um auto-reconhecimento de nobreza. A família Araújo Góes é uma das mais antigas e tradicionais da Bahia. Seu fundador português, Gaspar de Araújo, originário da vila de Arcos de Val-de-Vez, no Minho, e sua Mulher Dona Catarina de Góes, procedente da vila de Alemquer, perto de Lisboa, se instalaram em 1561 na Capitania de Ilhéus. A partir de 1800-1810, uma de suas descendências [Simeão de Araújo Góes] se destaca na política e economia de Salvador e do Recôncavo. Três de seus membros foram “agraciados” com títulos de baronato no decorrer do século XIX, período de ascensão econômica e social dessa família<sup>9</sup>.

Ao afirmar textualmente que os Araújo Góes não desmentiam a aristocracia formada pelos considerados senhores de engenho, que seriam a “segunda nobreza do país”, a escritora corrobora as informações anteriores. Mas, é na parte final da sua narrativa que ela faz a afirmativa mais interessante: os Araújo Góes gozaram tanto de privilégios nos tempos coloniais, quanto no império. Nos tempos coloniais seriam os próprios portugueses que confirmavam a posição da família e no império o novo Estado brasileiro a sancionaria. Em outro tempo, Anna refere-se a uma conversa que teria ouvido do seu avô quando esse estava para casar sua filha com Mathias Araújo Góes: “– (...) É da família Araújo Góes, do Catu; e sei que é boa, (...) São de muito boa família e tem até fidalguia; não fazem por isso cabedal porque são lavradores e homens dados ao trabalho”.<sup>10</sup>

O caráter “modesto” das afirmações do patriarca dos Ribeiro vai ao encontro do discurso que afirmava que os nobres de verdade não deveriam se gabar de sua posição, e atribui aos Araújo Góes uma possível fidalguia<sup>11</sup>. Apoiando-se em Stuart Swchartz, Kátia

Mattoso ressalva que, “apesar da aspiração ao status de nobreza, os senhores de engenho (do Recôncavo) constituíam-se essencialmente em uma aristocracia de riqueza e poder, que desempenhou e assumiu muitos papéis da nobreza portuguesa, mas nunca se tornou um Estado com bases autoritárias. É essa aristocracia que dá à Bahia certas tonalidades da sua opulência”<sup>12</sup>.

Outra estratégia de Anna Ribeiro foi buscar uma genealogia “gloriosa” que também confirmasse o status social fidalgo. Em sua autobiografia, traz uma ascendência semelhante às genealogias bíblicas. Junto à publicação dos *Longos Serões do campo*, foi publicado pela família Mariani também um extenso quadro genealógico que atribui a dois imigrantes portugueses uma possível nobreza de sangue. Em contraposição a essa “origem nobre”, Kátia Mattoso mostra num de seus estudos que muitos “novos ricos” buscavam o reconhecimento de um sangue nobre (que não correria em suas veias). Ela ainda menciona que o genealogista frei Antônio de Santa Maria de Jabotão elaborou, no início do século XIX, um catálogo genealógico de todas as famílias poderosas de senhores de engenho do Recôncavo baiano e agradeceu a todas elas com ilustres ancestrais. Para ratificar sua afirmação a historiadora expõe como exemplo, coincidentemente, os Araújo Góes: “Gaspar de Araújo, por exemplo, seria descendente da nobre linhagem dos Araújo de Ponte Lima, do Alentejo, e que Catarina, sua mulher, descenderia dos “Góis da Bretanha, província da França”. Na verdade, Gaspar e a mulher chegaram ao Brasil como simples imigrantes”.<sup>13</sup>

O primeiro casal dos Araújo Góes se instalara na capitania de Ilhéus e algum tempo depois os primeiros de seus membros vieram a se instalar no Recôncavo Norte, onde estabeleceram uma tradição de hegemonia política na região. Para Kátia Mattoso o casamento endogâmico seria uma das principais táticas utilizadas por esse clã para expandir suas possessões. Entretanto, numa análise dos documentos de propriedade de terras da família, nota-se também que o casamento era utilizado como forma de reforçar os laços sociais e políticos entre a aristocracia local. Como, aliás, lembrou Anna Ribeiro “criava-se dessa forma certo espírito de família e, se surgia alguma dissensão, os mais respeitados dentre os parentes tratavam de harmonizá-la. Nas grandes ocasiões, todos se reuniam e se auxiliavam mutuamente”.<sup>14</sup> Algumas das famílias aristocratas da região com os quais os Araújo Góes uniram forças foram: os Garcez, Berenguer, Mariani, Bittencourt e os Uzeda e Luna. Anna Ribeiro, por exemplo, casou-se com um primo distante – Sócrates Bittencourt – que era também descendente dos Berenguer. Muitos desses eram vizinhos e aliados políticos.

Segundo Anna Ribeiro essas famílias gozavam, no século XIX, de “opulência” e “abastança” garantida pela cultura canavieira. É importante destacar que o termo opulência, utilizado por ela, é carregado de sentidos, os quais, aliás, particularizados ao longo do Oitocentos. Alguns verbetes de dicionário português referiam-se a ela como “riqueza ostentatória”. No decorrer do século XIX, o sentido da palavra opulência vai se reforçar

passando a significar cada vez mais “a qualidade visível da riqueza e sua utilização na convivência social”. Opulentar-se “é tornar-se, abastado conforme o senso do século XIX”. A personagem abastada é alguém *cheio de viveres*. A superabundância do necessário define bem certa opulência, como a que existe, por exemplo, na opulência física<sup>15</sup>.

Anna Ribeiro descrevia “os tempos de glórias” com muito saudosismo e afirmava esses tempos como os melhores de sua vida. Para ela, o engenho Api era dessas “vivendas” onde mesmo havendo certa “modéstia”, não faltava o que se precisava para se viver com certo “luxo” e “ostentação”. Os senhores da casa eram Mathias de Araújo Góes e sua esposa Anna da Anunciação que sempre mandavam trazer da Cidade da Bahia os poucos víveres que não eram produzidos dentro do engenho. O proprietário mandava mensalmente à capital um escravo de confiança levando correspondências. Esse escravo inspecionava os outros que levavam os animais de carga e permaneciam num dos portos onde havia trapiche para o recebimento do açúcar. Na volta, traziam fazendas encomendadas e vários objetos de uso da casa, além de doces vindos do Convento das Mercês e outros produtos da indústria feirática, muito apreciados. Tudo isso era comprado pelo correspondente [negociador] que a isso se prestava para ser agradável ao senhor de engenho que lhe dava grandes lucros com a consignação do açúcar, de cuja venda se encarregava<sup>16</sup>.

A exibição da riqueza material foi uma das formas mais utilizadas para que os senhores do Recôncavo ostentassem o seu poder. Anna Ribeiro recordava-se da fatura que havia, segundo ela, no seu engenho, relatando como a família vivia no engenho e tinha ligações com o que acontecia no Recôncavo. Ela conta que a família detinha a assinatura de vários periódicos nacionais e estrangeiros, algo que só era possível a uma família “de posses”. Conta também sobre uma rede de subalternos que prestavam assistência ao senhor seu pai, e que este por vezes nem ao menos precisava sair de casa para negociar sua produção, recebendo ainda certos favores do seu empregado que o representava no comércio da produção, na Cidade da Bahia. Além disso, ele detinha escravos de “confiança” que faziam a ligação entre ele e o negociador. Na tentativa de se apresentar de forma “modesta” a autora se utiliza de discursos “humildes” referindo-se às vezes ao seu pai como “lavrador” que ganha “da terra o fruto do seu trabalho”.

Como já foi dito, havia um consenso entre a elite de que o verdadeiro nobre deveria ser rico, porém “modesto”. Entretanto, essa “modéstia” acabava esbarrando na ostentação da abastança que gozava. Anna Ribeiro termina esse trecho da narrativa: “Era quase sempre para mim destinados e me davam muito prazer”. Os vestidos das moças eram trazidos da capital, e o luxo e a moda faziam com que as filhas dos Araújo Góes se destacassem entre as parentas. A Senhorinha do Api era uma das poucas meninas que sabia ler e escrever, o grau de estudo da menina era também uma forma de expor a riqueza da família. Quando moça, aprendeu francês, italiano, tocava piano, era cantora oficial das festividades e sabia todas as “prendas”

que uma moça de “boa família” deveria aprender. Segundo Adriana Reis, as mulheres tinham um papel importante na consagração das alianças familiares e no estabelecimento de “boas” relações construídas nos salões e festas promovidas pela elite. Para as jovens isso também representava a possibilidade de casamentos mais “vantajosos” quanto possíveis.<sup>17</sup>

A opulência dessa família também era visível nos encontros sociais que eram promovidos. O engenho Api era considerado o ponto *Chic* de Catu, a única casa que possuía piano. Segundo Anna Ribeiro as festas aconteciam em meio a muita fartura, e, por vezes, duravam dias. Wanderley Pinho também menciona esse momento “áureo” da aristocracia baiana, segundo ele, a vida social, em que figurava o elemento feminino, circunscrevia-se às festas de igreja, às procissões, em tribunas ou sacadas, de cavalhadas e touradas. Ainda sobre as festas no Recôncavo do Oitocentos o autor complementa:

[...] e a referência a jantares e danças de sociedade mais modesta, onde, após a mesa, dançavam-se graciosamente o lundu, alude à riqueza dos senhores de engenho do Recôncavo, em grandes moradas cômodas, com abundância de criadagem e franquezas de hospitalidade. Serve-se enfim, dia ainda, o jantar de aparato, com brindes a não acabar, a tudo e a todos: o anfitrião, a cada conviva, aos parentes, aos ausentes, a lavoura, aos patriotas, ao belo sexo... E quando os brindes acabam, começam mais animadas, outras danças, que, entrando pela noite, vão terminar a festa.<sup>18</sup>

Típico representante da aristocracia baiana, o neto do Barão de Cotegipe lembra com saudosismo da época em que os senhores do Recôncavo reuniam-se para celebrar suas riquezas. Dessa mesma forma, a memorialista do Api se lembra das festas e celebrações que ocorriam em sua vivenda. A rotina da vida no campo era temperada pelas celebrações religiosas, núpcias e de colheitas. No clã dos Góes cada um tinha um “santo de celebração”. Essas festas eram comemoradas com muita música, danças, comida. Relatando uma dessas festas, no engenho Remédios, Anna Ribeiro ponderou:

Tinha eu tão pouca idade, que não sei bem se as recordações que conservo foram todas desse primeiro jantar que me lembro de ter assistido, talvez algumas sejam de outros que participei, porque eram a repetição daquele com pequena diferença. A civilização parecia estacionária naquele abençoado cantinho onde se vivia uma vida quase patriarcal.<sup>19</sup>

O “cantinho quase patriarcal” dá a idéia da perfeição que aquele mundo representava para a elite senhorial, resvalando entre o viver calmo dos longos serões e as celebrações temporãs. As festas contavam com a participação de cantores que entoavam músicas acompanhadas por violão e era também uma oportunidade para que os jovens arranjassem

casamento, visto que era um dos poucos momentos que as moças apareciam em público. Eram momentos reservados para o encontro da elite, sendo apenas permitida a presença de agregados que mereciam certa estima dos proprietários<sup>20</sup>. Por vezes, ao final da festa, os escravos pediam aos senhores para festejarem também, e, caso fosse permitido, dançavam sambas e lundus no terreiro do engenho. Essas “concessões” oferecidas pelo senhor compunham estratégias bem delimitadas, e visavam ao estabelecimento de relações “harmoniosas” entre senhores e escravos.

### **No interior da casa-grande: os senhores do engenho Api**

O ambiente privado da família patriarcal do Recôncavo oitocentista teve grande importância na formação dos filhos e filhas dos senhores de engenho. Anna Ribeiro relata que pouco freqüentava o arraial de Catu e só fora à cidade da Bahia duas vezes durante a sua mocidade. No cotidiano, o elemento feminino era o centro de todas as rotinas familiares, a sua atividade nessa esfera detinha grande significação social, comparada às atividades do trabalho no espaço público reservado aos homens<sup>21</sup>. O ambiente familiar teve papel decisivo na formação da maneira de pensar da elite, sobretudo das mulheres.

Mathias de Araújo Góes (1817-1875) migrou da Vila do Itapicuru, onde não fora bem sucedido, para Sant’anna do Catu com a esposa e filha. A opção pela região não fora por acaso, pois ela era habitada por grande parte de sua parentela, que ali desenvolvera uma estratégia de expansão de terras. Terceiro filho do patriarca Manoel José de Araújo Góes, o senhor Mathias era um homem rústico, de pouca instrução, que tinha o mundo da lavoura como extensão e fim da sua vontade e poder. Ele fora um dos primeiros [e únicos] daquela região a implantar a usina de cana a vapor, o que lhe garantiu considerável crescimento econômico, comprara todos os seus engenhos com a força do seu trabalho, o último em 1855 foi o engenho Api. Dentro da casa-grande a sua atuação era incipiente, cabia à senhora sua esposa resolver a maior parte dos problemas que porventura surgissem, levava quase todo o seu tempo “na edificação do engenho, na moagem e na lavoura”. Seu julgamento sobre os outros era sempre duro, o que lhe garantia o apelido de “boca de praga”. Era pai extremo, mas ao mesmo tempo enérgico e intransigente quando se tratava do que ele julgava o seu dever de pai de família. A relação com a esposa era das piores, pois o abastado senhor era dado “a poligamia que reinava entre os senhores de engenho”. Mesmo tendo o controle da “subsistência” do engenho, o senhor do Api mostrava-se sempre informado acerca das “últimas novidades” advindas da Europa:

Quando a safra era boa não tinha pena de gastar dinheiro e gastava até dar festas em que reunia os parentes; quando a safra era menor restringia as despesas sem que por isso faltasse em casa a abundância, pois os lavradores daquela época tinham todos os gêneros agrícolas em suas propriedades comprando somente o que não se cultivava no país.<sup>22</sup>

Mathias de Araújo Góes era um homem de grandes propriedades. Em certa conversa com um parente próximo que lhe comunicara que seu filho iria trabalhar como administrador de um engenho: “- Você não tem terras? Por que não aconselha a trabalhar nelas? Não há interesse que me forçasse a exercer tal emprego. Poderia aceitar um emprego público, porque então iria servir a meu país; porém servir a outro homem. Nunca! Preferia trabalhar com a enxada na mão”.<sup>23</sup>

A posição desse senhor de engenho elucida algumas idéias sobre a elite senhorial do Recôncavo. Sua lógica paternalista não concebia um mundo fora da extensão de sua vontade, nem admitia depender de outro homem como empregado. Ao afirmar que “preferia trabalhar com a enxada na mão” fica nítido de que jamais aceitaria depender de outro homem a não ser dele mesmo. O “trabalho para o país” pelo menos denotaria certo estado de nobreza, mas trabalhar para outro senhoril era inconcebível na visão do senhor do Api. Para ele, o homem digno deveria ser senhor de sua própria terra e mantenedor de seus dependentes, sendo que a vida de todos deveria convergir para a sua. A ideologia paternalista é pensada em torno da centralidade do senhor, e esse se recusa a viver num mundo que não seja a expressão de sua vontade<sup>24</sup>.

No final da sua vida, Mathias foi aconselhado a mudar-se para Salvador ou para Europa para cuidar da sua saúde, mas recusou-se, morrendo pouco tempo depois, afirmando que preferia morrer dentro de suas próprias possessões. A doença e a morte do senhor do Api aconteceram num momento em que os negócios com o comércio do açúcar iam de mal a pior, para Mathias de Araújo Góes, o senhor e suas possessões (incluindo todos que nela residiam); eram como se fossem integrantes de um mesmo corpo e, sendo o homem da casa a sua cabeça, o centro de sua vontade. Além do mais, ele não se concebia fora daquele ambiente, não se imaginava em outra posição que não fosse a do senhoril. No romance *Letícia* (1908), o pai da protagonista, o também senhor de engenho, senhor Travassos, teve também a mesma posição ante a doença de que fora acometido. Na ficção, a enfermidade é atribuída à “pirraça dos escravos”, em decorrência do *13 de maio*, como se pode perceber no romance *Letícia*.

Para Peter Burke, do ponto de vista de sua transmissão, cada memória tem suas próprias forças e fraquezas. Ele chama de “esquema” o aspecto presente em vários tipos de meio de comunicação. O esquema se associa à tendência de representar – e às vezes a lembrar – um determinado fato ou pessoas em termos de outro<sup>25</sup>. Nesse sentido, o valor simbólico dos nomes de santos e santas da igreja católica são exemplos interessantes. A

leitura do *Flos Sanctorum*<sup>26</sup> deve ter impulsionado muitas mães da elite cristã oitocentista a dar a seus filhos e filhas nomes que expressassem algum significado.

Um estudo das “Annas” da família Araújo Góes e dos Ribeiro traz algumas considerações a esse respeito. “Anna” significa “aquela que é cheia de compaixão, graça e clemência”. A Senhora *Sant’anna* é padroeira da então chamada *Santana* do Catu<sup>27</sup>. Anna Ribeiro recebera seu primeiro nome por causa duma homenagem à Santa que teria feito sua mãe engravidar após sete anos de casamento sem “frutos”. A santa de devoção da senhora do Api é tida como símbolo do que o significado do seu nome expressa: além da clemência e compaixão, era também tida como professora, mestra e “mãe da mãe de Deus”. A forma com que a memorialista descreve a sua própria mãe é semelhante à simbologia que envolve a santa de sua devoção. Anna da Anunciação, mãe de Anna Ribeiro, foi tida como o exemplo da família por muitas gerações: boa mãe, “excessivamente” piedosa com os escravos, amistosa com os agregados. Depois dela outras “Annas” surgiram em sua genealogia familiar, assim como entre os homens os “Pedros Ribeiros” foram muito comuns<sup>28</sup>.

Filha do Major Pedro Ribeiro (? -1849), herói da família por ter participado da campanha pela independência do Brasil na Bahia, Anna da Anunciação desde cedo teve que cuidar dos trabalhos domésticos, dos irmãos e do pai doente, pois sua mãe havia falecido muito jovem. Casou-se ainda muito nova com Mathias de Araújo Góes. Ao que tudo indica a relação conjugal dos senhores do Api era bastante precária, como afirma uma de suas descendentes:

Mas, com uma forte personalidade não fora feliz no casamento. Viviam praticamente separados, ela e o marido, dentro da casa do Engenho, pois era extraordinariamente ciumenta e não se conformava com a poligamia que reinava entre os senhores naquela época<sup>29</sup>.

A nobre senhora do Api não aceitava as traições do seu esposo, perante as escravas, por julgar uma depravação moral, fato que a levava a um casamento de “aparências”. Quando Anna Ribeiro foi morar na capital, após se casar com Sócrates Bittencourt, sua mãe preferiu ir “passar uns tempos com ela”. Anna Ribeiro registra sucintamente os problemas conjugais dos pais narrando a questão de forma bastante amenizada: “Demais, ele [Mathias], sem poder qualifica-se de mal casado, segundo confessava minha mãe, não vivia com ela na doce comunhão de idéias e de sentimentos que deve ser o desideratum dos casados. A divergência de idéias ocasionava às vezes entre ligeiras discussões, felizmente sem conseqüências”.<sup>30</sup>

A expressão apaziguadora de Anna Ribeiro reflete a idealização de uma família perfeita presente num faustoso passado que ela gostaria de ter vivido. Essa questão reforça a idéia das

memórias como uma reinvenção do passado em função das necessidades de identificação com o presente.

Embora não aceitasse a postura do marido, Anna da Anunciação desempenhava plenamente as funções de casa, cuidando não só da filha, senhorinha Anna Ribeiro, como dos escravos e mesmo do dito esposo. Ainda sem concordar com as posições do marido, ela freqüentemente as acatava, rendendo-lhe a posição de senhorio, sem, no entanto, deixar de valer sua “forte natureza” em determinados momentos.

Era responsabilidade das senhoras da época uma série de serviços e trabalhos de casa: lidar com equipes de cozinheiras, amas de meninos, carregadores, ganhadores, fiadeiras, costureiras, lavadeiras, passadeiras ou de pintores, pedreiros e barbeiros. A senhora de engenho tem uma função proeminente na “harmonia” do cotidiano da família patriarcal<sup>31</sup>. Esse papel foi indispensável para mediar a “intransigência” do senhor diante dos seus dependentes. O papel político exercido pela senhora junto aos agregados e escravos não objetivava apenas a “harmonização” da vida no engenho, mas pode ser entendido também como estratégia de manutenção das relações com os subalternos.

Anna Ribeiro pouco se refere à relação do seu pai com seus subalternos. Como fora afirmado, ele tinha o gênio “intransigente” e pouco ficava na casa-grande. No entanto, são ricas as informações sobre a relação de sua mãe com os dependentes. A consorte do senhor Mathias gostava de contar histórias bíblicas às escravas nos longos serões do campo, quando todas juntas – dominadas e subalternas – cosiam e bordavam roupas na varanda da casa-grande. Tratava-se de um modo de inculcar preceitos de moral às “pobres” escravas. Aconselhava também aos escravos da lida que soubessem respeitar seu senhor, afirmando que “não havia senhor mau para escravo bom”. Não admitia castigos físicos aos escravos de sua possessão. Na ocasião da partilha dos cativos do seu pai e de sua irmã, a narradora conta que todos os escravos queriam “pertencer-lhe”, pois sabiam que era senhora “bondosa”. Aos cativos que ficaram com seus primos, deu imagens e registros de Nossa Senhora e de santos, também dando “úteis” conselhos para vida com os novos senhores: “bem aventurados os que choram porque serão consolados” repetia a terna senhora aos “infelizes” que dentro em pouco iriam partir<sup>32</sup>.

Neste momento, um registro se faz necessário: a influência das formas de recepção de determinados “manuais” e romances da época e a sua relação com a prática social dos senhores no tratamento com os seus subalternos. *A Cabana do Pai Tomás* (1850), as *Cartas de Educação para Cora* (1849), e *Os miseráveis* (1862)<sup>33</sup>, por exemplo, foram leituras (re)apropriadas nos discursos defendidos por Anna Ribeiro. Nas descrições de Anna Ribeiro, verifica-se uma identificação muito forte entre os “ensinamentos” desses livros e a forma com que se tratavam escravos, agregados e lavradores.

A similitude com os personagens descritos nessas obras e os sujeitos descritos pela memorialista é muito grande, o que indica a [re]significação das obras dentro da vida e depois no enredo da narrativa da memorialista do Api. No capítulo três dos *Longos Serões do Campo: infância e juventude* demonstra o modo com que os senhores enxergavam os escravos e como eles o tratavam com “bondade” e com “prestimosidade”. Além de significar a “ação cristã” dos dominadores, essa política de tratamento visava também a criar um sentimento de gratidão nos dominados e, através disso, colocá-los sempre na condição de “pobres miseráveis eternamente dependentes da benevolência de seus amos”. Esse ponto é importante, pois trata da imposição discursiva da identidade dos outros e da construção da própria identidade. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros<sup>34</sup>.

#### **Salões, festas e incursões literárias na cidade da Bahia (1865-1868)**

As duas sessões anteriores trataram do mundo vivido e representado por Anna Ribeiro. Esse tópico tratará de outro trecho da vida da romancista, um período que ela preferiu não registrar em sua autobiografia: sua vida de casada, primeiro em Salvador e depois ocupando o lugar de sua mãe como a nova senhora do engenho da família.

Peter Burke afirma que a história social do lembrar é uma tentativa de responder a três perguntas principais. Quais modos de transmissão de memórias públicas, e como esses modos mudaram ao longo do tempo? Quais os usos do esquecimento? Ele reitera que as memórias que são jogadas ao “esquecimento” são aquelas que para determinado grupo social não é interessante lembrar, o que ele chama de “amnésia social”. Para ele, a censura do passado é algo que serve a interesses do que é importante ou não ser lembrado para quem. Dessa forma, existiu um passado que, para a romancista baiana, não era conveniente lembrar, pois, ele impunha a desfiguração de um passado faustoso. Essa questão será aqui tratada com o intuito de focalizar as contribuições que as experiências desse período legaram para as histórias contadas por Anna Ribeiro.

Logo após se casar, Anna Ribeiro mudou-se para Salvador com o esposo, que na época estudava na Faculdade de Medicina. O casamento da primeira romancista baiana realizou-se no Engenho Api em 1865. Ela havia perdido há pouco tempo seu primeiro noivo, Pedro Ribeiro da Trindade, o mesmo que herdou do avô Pedro Ribeiro e da tia Maria os escravos das Fazendas do Itapicuru em 1850. Anna Ribeiro ressalta que para ela o consórcio com o Sócrates Bittencourt (1843-1908)<sup>35</sup> foi algo inesperado, pois ela já estava avançada na idade de casar para os padrões da época – ela estava com 22 anos – ela recusara vários

pedidos de casamento, pois preferia “continuar solteira do que casar com um homem intelectualmente inferior”. Foi quando um dos primos resolveu articular o consórcio com outro primo da parte da família Bittencourt. Esse era considerado um casamento vantajoso, pois o jovem médico tinha uma carreira promissora e era de “boa família”. Era uma ótima oportunidade para não ficar na situação precária em que ficava uma moça solteira e solteirona da elite naquele tempo, sem ter de sentir o desprazer de casar-se com um homem rústico<sup>36</sup>. Seu futuro esposo freqüentava a mais “apurada sociedade da capital”, era “amigo do médico da Condessa de Barral”, era uma possibilidade de terminar seus estudos. E de fato ela aceitou esse casamento “vantajoso”.

A mudança para a cidade da Bahia representou uma transformação muito grande para a vida da jovem senhora. Ela havia vivido quase toda a vida entre os longos serões do campo, as festas religiosas e de família. Dali em diante teria contato com os maiores escritores da província, visitaria os salões mais “bem” freqüentados da capital, teria acesso a bibliotecas como a da Faculdade de Medicina, teria uma vida cosmopolita. Agora estava pronta a conhecer um mundo, freqüentar novos ambientes.

Wanderley Pinho relata que a gente “elegante” da Bahia imitava no seu desembaraço a Corte brasileira e as européias no gosto pelas festas, no desenvolvimento da sociabilidade e na quebra dos velhos moldes de retraimento das senhoras. Anna Ribeiro era amiga de duas das senhoras mais “distintas” da capital: a Senhora Inocêncio Góes (sua prima) e Adelaide de Castro Alves – irmã do poeta dos escravos. A segunda era amiga íntima de Anna Ribeiro, chegando até a escrever uma poesia para Sócrates, seu esposo. Sobre os salões das referidas senhoras Wanderley Pinho traz detalhes interessantes:

Um deles [refere-se ao salão] foi o da senhora Inocêncio Góis, cujo espírito e graça, sedução e cordialidade espontânea e simples eram um imã de atrativos suaves e tenazes. Ela foi em grande parte a inspiradora e a colaboradora decisiva da carreira política do marido, e congregava em torno de si, de sua palestra, de seu sorriso, das mesas de chá ou de jogo, da sala em que dançava ou da capela particular em que se cantava o “mês de Maria”, dos comentários ou conciliábulos políticos – um partido maior e mais firme do que o do esposos, deputado pela Bahia e um dos chefes conservadores na província – com suas campanhas de imprensa e cabalas, seus favores e seus discursos.

[...]

Salão de dona Adelaide parecia reter em seus umbrais essa harmonia. Mas o culto de saudade e admiração pelo seu irmão genial e pelo marido combativo, enérgico e artista, não tornaram aquelas salas antecâmaras de cemitério (...). Esse misto de expansão risonha e de melancolia era o encanto maior de sua maneira de receber e congregar um grupo de convivas certos – graças femininas de mocidade e algumas inteligências das melhores da Bahia de então.<sup>37</sup>

Anna Ribeiro não desfrutou de muitas das possibilidades que a “vida civilizada” e urbana poderia lhe oferecer, no campo eram escassos os professores, e o acesso aos livros, jornais e revistas era difícil. Eram também poucas as ocasiões para reuniões literárias. O período que ela morou em Salvador foi, mais do que nunca, um momento de crescimento intelectual e de acesso a lugares que o engenho não oferecia. As bibliotecas públicas, os saraus, os salões de festas, os encontros literários, tudo isso foi possível depois de casada quando foi morar em Salvador com Sócrates, seu esposo, homem educado na capital “na mais fina flor” da sociedade baiana; “amigo do médico da Condessa de Barral”, Sócrates proporcionou à sua mulher os momentos que sempre desejava: ter acesso aos livros, e não só a eles, também aos escritores. Foi nesse ambiente que a primeira romancista baiana conheceu e se apaixonou pela obra de Castro Alves. Por um tempo as influências dos inflamados discursos do “poeta dos escravos” moveram o coração dessa jovem senhora.

Pelos tempos de 1865, Castro Alves dominava o meio literário baiano, compondo *Os escravos*, representando o *Gonzaga* recitando em todas as tribunas populares ou cultas. D Anna Ribeiro de Góes Bittencourt **viu-se, por um instante, envolvida nesse movimento animado pela campanha abolicionista e pela guerra de Paraguai**. Mas a formatura do marido e a soma de interesses ligados aos bens de que era herdeira única, desviaram-na para vida rural. Foi então, portres (sic) ilustre senhora de engenho, dirigindo a grande casa cheia de escravos e a educação dos filhos, integrada na animada vida social do Recôncavo, mas fazendo estágios na Capital e sempre interessada a par das novidades literárias da época, inclusive pela assinatura de revistas estrangeiras<sup>38</sup>[Negrito meu, grifo do autor].

A agitação da vida na capital fez com que “por um momento” D. Anna se impressionasse pelas suas incendiárias exposições poéticas e teatrais. Anna Ribeiro adorava as audições literárias que aconteciam na capital naquele momento, o que a fez registrar esse costume num de seus romances, *Suzana* (Inédito). No entanto, inusitadamente, embora seja conhecida a sua “paixão” por Castro Alves, não há citações do poeta dos escravos dentre as suas obras prediletas, nem mesmo em seus caderninhos, onde registrava as poesias dos autores que mais gostava. A expressão “por um instante” enunciado pelo seu neto mais velho – que fora criado por ela, como era costume da época – pode ser uma evidência da decepção que a experiência abolicionista trouxe para a vida de sua família. “Por um instante” deixou-se levar pela proposta de seus versos, mas ao deparar-se com a “difícil situação” em que a abolição dos escravos deixou a sua família, provavelmente mudou de opinião em relação às idéias abolicionistas defendidas pelo poeta condoreiro.

Como há uma lacuna nas lembranças de Anna Ribeiro registradas em suas memórias em relação a essa questão, talvez caiba a literatura por ela produzida indicar algumas possíveis respostas. Em *O Anjo do Perdão* (1882) e *Letícia* (1908) talvez estejam nas entrelinhas algumas dessas respostas: enquanto no primeiro nota-se uma forte influência do abolicionismo vivido pela autora na Cidade da Bahia, quando lá viveu, o segundo já denota uma experiência totalmente diferente: a da abolição da escravatura de 1888 e anos subseqüentes. Defendo a idéia de que o instante de defesa do abolicionismo defendido por Castro Alves passou quando o *13 de maio* de 1888 destruiu todas as esperanças de volta “aos bons tempos de outrora” lembrados pela escritora-memorialista. Ou seja, a elite sabia que a abolição seria uma realidade, mais cedo ou mais tarde, entretanto, a proposta da libertação dos negros não atingiu as suas expectativas. Dentro da ideologia paternalista da elite agrária a que Anna Ribeiro pertencia, vigorava um ideal de que a abolição deveria partir de uma iniciativa dela e deveria gerar agradecimentos por parte dos negros e esses deveriam continuar a servir, digo, trabalhar, para seus antigos senhores, eternamente “gratos pela dádiva que lhes fora outorgada”.

Na escrita de Anna Ribeiro encontram-se presentes ainda muitas “vozes” dessas experiências – tanto de suas práxis, quanto de suas incursões literárias. A polifonia – para usar o termo familiar aos teóricos literários e lingüistas - presente na produção de Anna Ribeiro oferece um tom peculiar aos estudos das visões da elite sobre o mundo senhorial e o pós-abolição.

### **Uma senhora de engenho em “tempos de crise”**

O período que Anna Ribeiro passou na capital marcou indiscutivelmente a sua vida e interferiu na forma com que entendia o mundo. Isso acabou refletindo na escrita da sua prosa, como se pode perceber em *Suzana* (Inédito).

Porém, o período subseqüente marcaria incisivamente a forma com que a romancista representou a vida senhorial nos fins do século XIX. As experiências vividas nesse período motivaram todo o seu projeto literário, uma vez que para a escritora seus romances preparariam as jovens sinhazinhas para os “novos tempos” que estavam por vir. O advento de “novos tempos” pressupõe a suplantação dos “tempos antigos”, dessa forma, a transição desses espaços temporais indica mudanças e transformações. A missão literária da autora consistia justamente em orientar as suas leitoras para viverem esse momento. Para satisfação de tal fim, ela colhia os “exemplos” e “experiências” que vivia ou presenciava para compor as suas tramas. Ao mudar novamente para o engenho, ela viveu um período de dificuldades que alterou irremediavelmente a vida da família senhorial do Api.

Em 1868, Sócrates Bittencourt formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia. O casal, nessa época, vivia a mais fina flor da sociedade soteropolitana, quando o Senhor Mathias, pai da escritora, adoeceu. O engenho passava por uma das maiores crises de sua história: as secas, a diminuição da mão-de-obra, a situação do mercado externo afetara os negócios do abastado senhor de engenho<sup>39</sup>. Para complicar, sua doença o impediu definitivamente de laborar sobre seus domínios. Como filha única, Anna Ribeiro teve que deixar o conforto da cidade da Bahia para dirigir os negócios do pai. Tornara-se senhora de engenho. Como sua mãe, cuidaria da casa, dos escravos, dos filhos e até mesmo do seu pai. A história de Anna da Anunciação parecia se repetir com uma sua filha. Mas, os tempos eram outros e o contexto também. Além de desempenhar suas funções “naturais”, Ribeiro também teve de assumir as rédeas do engenho. As informações sobre esse período são escassas, mas algumas evidências apontam para um perfil mais atuante de Anna Ribeiro no que concerne à vida econômica da família. Ao que tudo indica, seu esposo não levava jeito para chefiar as funções do engenho.

Logo que chegou ao Catu, foi eleito vereador e intendente municipal, era um homem muito instruído e bastante culto, educado para viver na alta sociedade da capital, “era amigo do médico da Condessa de Barral” conforme se gabava sua esposa. Já a dona Anna Ribeiro sempre vivera no campo, era curiosa e atenta ao mundo que a cercava e, mesmo sabendo qual era o lugar reservado para ela, bastante observadora, gostava de aprender de tudo um pouco. Clemente Mariani afirmou que Anna Ribeiro “da mãe herdara uma inteligência ampla e interessada, até os seus últimos dias, em toda espécie, com a instrução elementar, uma sólida educação moral e religiosa, bebida diretamente nas Escrituras Santas. Do pai uma inteligência mais precisa e objetiva, graças a qual se constituiu no decurso de uma longa vida, um tesouro de experiência”<sup>40</sup>.

A inteligência “mais precisa e objetiva” que lhe constituiu “o tesouro de sua experiência” é uma referência à atuação da senhora Anna Ribeiro num campo em geral destinado aos homens. Na distribuição dos papéis, a mulher era vista como aquela que agia na educação da criança e na harmonização da família, atribuições que ficavam no campo das emoções e sentimentos. Já o homem tinha vocações “naturais” dadas por Deus, que o comissionava para o sustento da família, suas funções eram mais “objetivas”. Para Anna Ribeiro, as mulheres deveriam estar preparadas para tudo, inclusive tomar o lugar dos homens se a situação a isso levasse. Isso fica claro nos enredos de suas histórias. Em *Letícia (1908)*, a protagonista assume o lugar do pai, o senhor Travassos, após a sua morte, ordenando os escravos, negociando com os atravessadores e vendendo a produção. Os valores transcritos ante as personagens ficcionais foram também praticados pela autora:

Mas a formatura do marido e a soma de interesses ligados aos bens de que era herdeira única, desviaram-na para vida rural. Foi então, forte e ilustre, senhora de engenho, dirigindo a grande casa cheia de escravos e a educação dos filhos, integrada na animada vida social do Recôncavo, mas fazendo estágios na Capital e sempre interessada a par das novidades literárias da época, inclusive pela assinatura de revistas estrangeiras<sup>41</sup>.

Circunstâncias supervenientes e imperiosas exigiram sua volta condição de senhora de engenho. No exercício dessa missão construtora das finanças da família, revelou-se, como sempre, superiora, inflexível quanto ao cumprimento do dever, mas profundamente humana e generosa para todos aqueles que dela dependiam, até para os escravos<sup>42</sup>.

No Api, nasceram Pedro Ribeiro, Maria Francisca e Joana, e os gêmeos que não sobreviveram. Lá ela passou toda a sua mocidade até a idade de 65 anos, quando se mudou para a capital. Nos primeiros anos de casada, não pôde se dedicar à sua inclinação de escritora e poetisa. A saúde do seu pai foi declinando e ele foi ficando praticamente paraplégico. Alugaram uma casa no bairro da Vitória, e consultaram os melhores médicos, sendo que um deles aconselhou uma viagem a Europa, já estavam de malas arrumadas quando esse desistiu da viagem; logo depois, veio a falecer. Com a morte do pai em 1875, os seus “encargos diminuíram”. Em 1878, seu filho Pedro Ribeiro foi à capital cursar advocacia, acompanhado da avó. Esse fato é importante na vida de Anna Ribeiro, porque futuramente seria esse mesmo filho que garantiria sua subsistência e do seu esposo.

A posição da romancista dentro do cotidiano do engenho, após a morte de seu pai (1874), traz para fins de análise uma relevante contribuição para compreender a literatura de Anna Ribeiro. Tendo como premissa a noção de que a escritora se valia de seus próprios exemplos, ou modelos por ela observados, pode-se conjecturar que ela se projetava em muitas de suas heroínas no que concerne à tomada de posição na administração do engenho. Ao sugerir essas mudanças, o que se traduz é a dissolução dos tradicionais papéis conferidos dentro do sistema senhorial, o que por sua vez denuncia o esgotamento desse modelo de vida. Em *Letícia*, a protagonista assume as funções do pai após o seu falecimento, assim como a autora assumira as funções do Api após a morte de seu próprio pai.

Anna Ribeiro contava com aproximadamente 38 anos, quando começou a sua vida literária. Nesse momento, já havia cuidado “resignadamente”, do seu pai – como ela mesma dizia – e já tinha criado todos os seus filhos. A autora começou a vida literária publicando poesias e artigos em jornais locais e, logo depois, no *Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro*. Mas, foi em 1882 que ela publicou o seu primeiro romance, sob o título de *A Filha de Jephté*. Com forte influência de leituras estrangeiras, principalmente Balzac e Racine, a escritora recontou uma história bíblica do antigo testamento. Em 1885, ela publicou o seu primeiro romance regionalista, *Anjos do Perdão*. A partir de então, a veia literária da autora foi

interrompida durante exatos dezesseis anos. Ao que tudo indica, o motivo da interrupção foram as dificuldades econômicas que a sua família enfrentou após a abolição da escravatura, questão que foi incessantemente discutida em sua prosa, como veremos mais adiante. Essa parte da história está também sintetizada no discurso de uma de suas netas, que conviveu diariamente com a escritora no início do século XX, quando ela se mudou para a cidade de Salvador:

Assim, continuou seguindo a sua vocação até 1888 quando veio a abolição. Na sua família a tradição de humanidade entre os senhores e escravos era constante.

Meus avós possuíam cerca de 100 escravos, eles arruinados, pode-se dizer, com o decreto de 13 de maio, mostravam-se inteiramente serenos e justificavam a Princesa – pelas injustiças que haviam presenciado.

Minha avó contava que o *13 de maio* fora um dia de festa no Engenho. Danças, flores, todos manifestando gratidão aos senhores que compartilhavam da alegria dos escravos. Depois, vieram as ingratidões, abandono do trabalho, a paralisação do Engenho, mas ela e meu avô não desanimaram<sup>43</sup>.

Como salienta Marina Maluf, os senhores, mesmo aqueles de tendência abolicionista, reconheciam a importância do trabalho escravo por esse ser mais barato que o livre. A base econômica do status e do poder encontrava-se na escravaria e no acesso e controle social da terra<sup>44</sup>. Dentro desse prisma se justifica o desapontamento do velho Travassos, senhor de engenho, personagem de *Letícia* (1908), e de Alfredo e Alberto, ambos senhores de escravos no conto *Violeta & Angélica* (1906), em relação às ingratidões dos ex-cativos que lhes “abandonaram” de forma “ingrata” após a lei Áurea ser decretada como foi visto no segundo capítulo. Basta lembrar que o principal capital do senhor de engenho estava investido na pessoa do escravo, imobilizado como renda capitalizada, já que ele acumulava dupla função – ou seja, era ao mesmo tempo fonte de trabalho e garantia de empréstimos<sup>45</sup>.

As transformações produzidas pela transição do mundo escravista para a sociedade fundada em relações de trabalho livre atropelaram o pai de Floriza – fazendeiro de café paulistano –, deixando-o tomado de profunda angústia e da sensação de ter ficado à deriva ante a situação do incerto, do novo<sup>46</sup>. Situação semelhante parece ter acontecido com a família de Anna Ribeiro, detalhe que ela também ocultou em sua autobiografia, mas expressou livremente em sua obra literária. Marina Maluf mostra através da análise das memórias de Floriza e Brasília – duas senhoras da elite cafeeira paulista que também viveram nos fins do século XIX – as dificuldades encontradas pelas suas famílias para enfrentar a transição da mão-de-obra escrava para livre. Segundo conta Maluf, as transformações produzidas pela transição do mundo escravista para a sociedade fundada em relações de trabalho livre atropelaram o pai de Floriza, deixando-o tomado de profunda angústia e da sensação de ter

ficado à deriva ante a situação do incerto, do novo. No caso de Brasília, ela registra que a transição para o trabalho livre veio com a preocupação da substituição dos negros pelos estrangeiros. Contudo, nos dois casos, a propriedade de seres humanos sem dúvida acarretou toda sorte de problemas e também testava a “paciência e a habilidade das senhoras”. Nesse período, se constituíram relações tensas e desgastantes entre as senhoras e os cativos sob sua autoridade<sup>47</sup>.

Desanimado ou não, o casal senhorial teve que ir morar por alguns tempos com o seu filho Pedro Ribeiro que, na época, servia como promotor substituto nos arredores da cidade de Juazeiro. Foram momentos difíceis que marcaram tanto a vida do clã dos Araújo Góes, que os fez repetir o mesmo discurso sobre a abolição durante anos: o governo não respeitou os senhores do Recôncavo, e permitiu que a abolição acontecesse sem nem lhes dar alguma garantia, por outro lado, os escravos que foram tão “bem tratados” durante o cativeiro, viraram as costas quando mais seus senhores precisaram. Muitos membros da família argumentavam ainda que “na cidade não se sentiu os mesmo efeitos da abolição que o homem do campo sentiu”. Esse assunto foi como mais intenso na segunda fase de escrita da obra de Anna Ribeiro durante toda a década de 1910, pois ressentida de sua condição, a elite, da qual ela fazia parte, procurava justificativas para os tempos de infortúnio, que se agravaram naquele período.

É bem verdade que as dificuldades econômicas da elite já vinham se alastrando há vários anos, bem antes de 1888. Desde o início da década de 1870, vários impropérios já anunciavam as dificuldades econômicas da família de Anna Ribeiro, mesmo assim, o *13 de maio* terá uma dimensão simbólica muito grande na significação do fim da era de glórias que Anna Ribeiro narrou nos *Longos Serões do Campo*. Foram momentos traumatizantes que contribuíram para que a escritora silenciasse seus ímpetos literários durante mais de quinze anos; fizeram também com que ela recriasse várias versões literárias para essa mesma história, durante a década de 1910.

Em 1894, o casal de ex-senhores retornou para o engenho Api, que agora não tinha outro destino a não ser transformado em fazenda: as moendas pararam, os canaviais sumiram, a antiga escravaria migrou em grande parte para cidade. Ruína-se o mundo de glória e ostentação que um dia dominou aquela região. Mas, a vida continuava. De agricultores para criadores de gado, seriam os bois que agora ocupariam o vasto território do Api. A vista frondosa dos canaviais não mais voltaria a ser visto naquele local. De 1895 até 1907, o casal Anna e Sócrates Bittencourt viveu na fazenda com estadas no domicílio do filho em Santo Amaro, e, depois de 1900, em Salvador, onde seu filho Pedro Ribeiro fora nomeado Conselheiro do Tribunal, após “concurso” no final do Governo Luis Viana. O emprego no governo fez a vida do filho Pedro Ribeiro prosperar: esse era um dos únicos caminhos valorizados pelos ex-senhores do Recôncavo, após a derrocada da economia canavieira e isto

será abordado fortemente nas histórias da escritora. Ela registrou muitos “apadrinhamentos” que fizeram com que alguns de seus personagens oriundos da vida “difícil” do campo encontrassem seu sustento trabalhando, no outrora odiado, governo republicano.

Com a morte do marido em 1907, após longo período de sofrimento, vitimado pelo diabetes, a escritora mudou-se para Salvador para morar numa casa que teve o seu terreno e financiamento provido pelo filho. Junto a ela uma de sua filha – Joana – que não se casara. As dificuldades do campo e a morte do “chefe de família”, como afirmou sua neta Anna Maria Mariani Cabral, fizeram-na migrar para a capital. Esse fato foi um divisor de águas na vida da romancista, pois desde aquele momento ela não escrevera mais sobre temas ligados à abolição e sobre a sorte – digo, azar – dos antigos senhores do Recôncavo.

Na década de 1920, o centenário da Independência traz para a autora a recordação do “heroísmo” de seu avô, o Major Pedro Ribeiro, que teria lutado na guerra da Independência da Bahia. As recordações sobre seu avô, morto quando ela tinha sete anos de idade e a vontade de registrar para a sua “posteridade” os grandes feitos do “nobre” homem fez com que a autora começasse a escrever a biografia dele, com as informações que lhe foram contadas pela sua mãe, filha do dito Major. O incentivo da família fez com que ela escrevesse as suas próprias memórias. Era, nessa época, uma anciã de cerca de setenta anos de idade.

Ecléa Bosi afirma que a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações<sup>48</sup>. Ela observa também que, na maior parte das vezes, lembrar não é ver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Por mais nítida que pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. Anna Ribeiro relembra em suas memórias apenas os momentos de “glórias” de uma elite e omite o processo que levou a sua decadência ocorrida nas primeiras décadas da República.

Sobre essa questão Rinaldo César Leite, em *A Rainha destronada*<sup>49</sup>, analisa os embates simbólicos e políticos travados pela elite baiana nas primeiras décadas republicanas, que coincidem também com os períodos aqui estudados. Segundo o autor, a elite baiana nesse período inventa um senso de identidade local pautada num “passado de glórias” da Bahia e lamenta os infortúnios vivenciados por ela própria na época republicana, que relegou o estado a uma posição coadjuvante no cenário nacional. As lembranças das grandezas da Bahia no passado, que tão vividamente embebiam a memória das elites baianas, encontravam sólidas motivações nas vicissitudes dos novos tempos. Amplas parcelas das elites baianas se ressentiam pelas transformações ocorridas no país no intervalo de poucas décadas de instalação e consolidação da República. Segundo Rinaldo César Leite “rememorar

intensamente os anos imperiais era uma fórmula de revivescência do que se teve um dia, já que na realidade prática tudo se apresentava enquanto perda<sup>50</sup>.

Memória é a um só tempo lembrar e esquecer. O ato de rememorar encerra um conjunto de intenções conscientes e inconscientes que selecionam e elegem – escolha que é derivada de incontáveis experiências objetivas e subjetivas do sujeito que lembra. Por isso, ao relembrar, o indivíduo memorizador constrói paisagens e imagens que são verdadeiros campos de significados. A memória funciona como “um espelho no escuro abismo da mente”, enquanto um monólogo meditativo responde a um aprendizado mais inquisitivo a fim de dissipar ocultações. Ela representa realidades passadas revestidas de valores e significados. Contudo, as lembranças encobridoras são imagens mnêmicas que substituem lembranças mais profundas e escondidas<sup>51</sup>. Na Bahia da Primeira República, a família de Anna Ribeiro se viu obrigada a desativar seus engenhos e migrar para Salvador, vivendo um período de declínio econômico e social. Na autobiografia da autora, pode-se observar que existiu um jogo de “ditos e não ditos”. O “que deveria ser lembrado”, contudo, entrelaça-se à memória social da elite baiana das primeiras décadas da República, como se pode ler nas páginas dos *Longos Serões do Campo*.

Recebido para publicação em fevereiro de 2008.

Aprovado para publicação em junho de 2008.

## Notas

\* Graduado em História (2005) e Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia – Campus I – Salvador-Ba. Professor substituto da Escola Agrotécnica Federal de Catu. Membro do Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq *História, Literatura e Memória*. E-mail:

<sup>1</sup> A obra de Anna Ribeiro é vasta e diversificada. Nancy Rita Vieira Fontes classifica a produção literária de Anna Ribeiro da seguinte forma: romances sagrados - *A Filha de Jephthé* (1882) e *Abigail* (1921) – e romances profanos – *O anjo do perdão* (1885), *Helena* (1901), *Letícia* (1908) e *Suzana* (Inédito) e *Lúcia* (1903). Ribeiro também produziu uma biografia intitulada *Longos Serões do Campo* (1992). Dos contos apenas quatro foram recuperados, e mais: dezessete poemas, três hinos religiosos e dezessete artigos.

<sup>2</sup> BITTENCOURT. Anna Ribeiro de Araújo Góes. *Longos Serões do Campo*. Organização e notas Maria Clara Mariani, - Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 2 vols.

<sup>3</sup> BITTENCOURT. *Op. Cit.* pp. 46.

<sup>4</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 407.

<sup>5</sup> POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, nº 10, Teoria e História. Rio de Janeiro, FGV, 1992. p. 204.

<sup>6</sup> BURKE. Peter, *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 70.

<sup>7</sup> MATTOSO, Kátia M. de Queirós. A opulência na província da Bahia. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História Privada do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol. 02, p. 154.

<sup>8</sup> BITTENCOURT. *Op. cit.*, p.01.

<sup>9</sup> MATTOSO, Kátia M. de Queirós. A opulência na província da Bahia. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História Privada do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol. 02.

- 
- <sup>10</sup> BITTENCOURT. *Op. cit.*, p. 07.
- <sup>11</sup> Vilhena registra que várias famílias baianas “passavam” por nobres, segundo ele, um “plebeu torna-se *abjeto* quando quer se fazer passar por nobres, é não falar em seus escritos troças a propósito dos baianos que vivem a inventar para as próprias famílias genealogias tão longas quanto “a dos hebreus, e disputar nobreza com os grandes de todo o mundo (...)”. Para ele, deve ser rico, mas também modesto. (SANTOS, Vilhena, *A Bahia no século XVIII*. Vol I, p. 52).
- <sup>12</sup> MATTOSO. Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX: Uma Província no império*. 2ª Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. p. 156.
- <sup>13</sup> MATTOSO, Kátia. *Uma província no império*, p.670, nota 18.
- <sup>14</sup> BITTENCOURT. *Op. cit.*, p. 3.
- <sup>15</sup> MATTOSO, *Op. cit.*, p. 151-168
- <sup>16</sup> BITTENCOURT. *Op. cit.*, pp. 67-68.
- <sup>17</sup> BITTENCOURT. *Op. cit.*, p. 38.
- <sup>18</sup> PINHO, Wanderley. Salões e Festas na Província Bahia. In: *Salões e damas no Segundo Reinado*. 3ª ed. Livraria Martins: São Paulo, 1952. pp. 41-43.
- <sup>19</sup> *Ibid.*, p. 46.
- <sup>20</sup> *Ibid.*, p. 54.
- <sup>21</sup> LEITE, Márcia Maria Berreiros. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, 2005. p. 71.
- <sup>22</sup> BITTENCOURT. Anna Ribeiro de Araújo Góes [*Coletânea*]. Conteúdo: contos: [A primeira injustiça; Os sonhos de Josephina; Biografia de Anna Ribeiro de Góes Bittencourt; Notas biográficas de Mathias Araújo Góes; sonetos: Amor eterno oferecido ao Dr. Antonio Pacífico Pereira]. 50 fls. (material manuscrito, transcrito por Clemente Mariani Bittencourt). Salvador, [manuscrito] S/D.
- <sup>23</sup> BITTENCOURT. *Longos Serões... Op. cit.*, p. 49.
- <sup>24</sup> Sidney Chalhoub refere-se a ideologia paternalista como “O mundo era representado como mera expansão de sua vontade, e o poder econômico, social e político pareciam convergir sempre para o mesmo ponto, situado no topo de uma pirâmide imaginária. (CHALHOUB. Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p. 58).
- <sup>25</sup> BURKE. Peter, *Varietades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. pp. 76-77.
- <sup>26</sup> Leitura obrigatória nos serões do campo do Engenho Api (*Longos serões...* p. 268). O livro é um abreviado do compêndio das vidas dos santos de especial veneração na Igreja Católica, para elegerem advogados e protetores em qualquer dia do ano, trazia também os significados de seus nomes. Trazia também várias reflexões doutrinárias espirituais e morais, exercícios para se imitarem as suas virtudes. O livro foi publicado pela primeira vez em Lisboa, pela Tipografia da Academia Real de Ciências, em 1852.
- <sup>27</sup> Segundo a tradição local, a atual padroeira de Catu, teria sido escolhida após um mascate encontrar uma imagem de Santana nas margens do Rio Catu. A tradição conta ainda, que Santana foi a avó de Jesus, considerada “mãe da mãe de Deus”, portanto, mãe de Jesus “duas vezes”, a maior parte das devotas da Santa afirmam que ela foi também matrona das professoras e “mestra por excelência”.
- <sup>28</sup> O Pedro Ribeiro Major Pedro Ribeiro é tido como o grande herói da família. Em 1822, as vésperas do centenário da independência, Anna Ribeiro escreveu sua biografia dele, incluindo a história de sua participação na Batalha do Pirajá, pela independência do Brasil na Bahia. A esse respeito ler o primeiro volume dos *Longos Serões do campo: O Major Pedro Ribeiro (1992)*.
- <sup>29</sup> BITTENCOURT. Anna Ribeiro de Araújo Góes [*Coletânea*]. *Op. Cit.*
- <sup>30</sup> BITTENCOURT. *Longos Serões... Op. cit.*, p.37.
- <sup>31</sup> MATTOSO, *Op. Cit.* p. 157.
- <sup>32</sup> BITTENCOURT. “*Longos Serões...*” *Op. cit.*, Capítulo III.
-

- <sup>33</sup> A influência da literatura na vida da romancista e de sua mãe é muito acentuada visto que as mesmas eram leitoras assíduas. Romances franceses, portugueses a e brasileiros eram, possivelmente os mais lidos. (FONTES, Nancy Rita Vieira. *A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro*. Mestrado em Letras/UFBA. Salvador, 1995. LACERDA. Lílian de. *Álbum de leitura, histórias de leitoras*. São Paulo, Editora da Unesp, 2003).
- <sup>34</sup> POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, nº 10, Teoria e História. Rio de Janeiro, FGV, 1992. p. 204.
- <sup>35</sup> Filho do Major Rodrigo de Araújo e de D. Maria Francisca de Bittencourt e Aragão, representantes de uma das famílias mais tradicionais do Recôncavo Baiano do século XIX. O major era primo dos Araújo Góes do Catu, família do pai de Anna Ribeiro. (*Longos serões do campo: Infância e Juventude*. P.223).
- <sup>36</sup> Mattoso atribui o celibato feminino no decorrer do século XIX a manutenção da mulher na esfera privada e a endogamia como forma de preservação da riqueza da elite. Esses fatores levaram muitas mulheres a não encontrar maridos e tornarem-se celibatárias. Um estudo da família a qual pertencia D. Anna mostrou que no século XIX 42% das mulheres da família Araújo Góes não se casaram. (MATTOSO. Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX: Uma Província no império*. 2ª Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1992. p.188-192).
- <sup>37</sup> PINHO, Wanderley. Salões e Festas na Província Bahia. In: *Salões e damas no Segundo Reinado*. 3ª ed. Livraria Martins: São Paulo, 1952. pp. 55 e 56.
- <sup>38</sup> BITTENCOURT. Clemente Mariani. *Notas Biográficas*. Manuscrito, 1940. p. 6.
- <sup>39</sup> Desde o início da década de 1870, a lavoura açucareira mergulhou numa crise financeira que se estendeu até o final do século XIX. A queda dos preços do açúcar nos mercados externos e a concorrência do açúcar de beterraba diminuíram o volume de exportação do produto. Para agravar a situação, a lavoura açucareira, perdeu a força da mão-de-obra em 1888 (FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1879-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006).
- <sup>40</sup> BITTENCOURT. Clemente Mariani. *Notas Biográficas*. Salvador, Manuscrito, 1940. Clemente Mariani foi criado pela avó Anna Ribeiro, seguindo o costume da época que dizia que o primeiro filho do casal seria criado pela avó paterna. Essa relação criou um vínculo muito grande entre os dois.
- <sup>41</sup> MARIANI, Clemente. *Op. cit.*
- <sup>42</sup> MACHADO, Augusto Alexandre. A vida de Anna Ribeiro de Góes Bittencourt. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, 1952. p.16.
- <sup>43</sup> CABRAL, Anna Maria Mariani, Prefácio in: BITTENCOURT. Anna Ribeiro de Araújo Góes. *Contos*. Datil. Salvador, S/D, p. 36.
- <sup>44</sup> MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 52-58.
- <sup>45</sup> MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra* 2ª Edição, São Paulo, Ciência Humanas, 1981. p. 26.
- <sup>46</sup> MALUF, Op. cit., p. 66.
- <sup>47</sup> Ibid., Pp. 66-68.
- <sup>48</sup> BOSI, Op. cit., pp. 46-47.
- <sup>49</sup> LEITE. Rinaldo Cezar Nascimento. *A Rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. (tese de doutorado em História – PUC-SP), 2005.
- <sup>50</sup> LEITE. Rinaldo Cezar Nascimento. *Op. cit.*, p.155.
- <sup>51</sup> MALUF, Op. cit., pp. 70-71